

O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA NUM MUNDO GLOBAL PROBLEMAS E POTENCIALIDADES

Organização

JOSÉ TEIXEIRA



Universidade do Minho
Centro de Estudos Lusíadas

húmus

Índice

- 7 **Introdução**
José Teixeira
- 15 **Efeito da proximidade linguística no comércio internacional: o português no conjunto das línguas globais**
José Paulo Esperança
- 31 **Contributos para o aumento de qualidade na língua digital**
Anabela Barreiro
- 49 **Português internacional: alguns argumentos**
Diana Santos
- 67 **O português como língua pluricêntrica: indicadores linguísticos e sociais e novos métodos de investigação**
Augusto Soares da Silva
- 85 **Que gramática temos para estudar o português língua pluricêntrica?**
Hanna J. Batoreo
- 103 **Não falem português, falem brasilês. Algumas notas sobre a noção de português como língua internacional**
Roberto Mulinacci
- 129 **Algumas reflexões sobre lusofonia - o que ela não pode, nem deve ser**
Onésimo Almeida
- 141 **Português como língua estrangeira na República Checa**
Iva Svobodová
- 161 **Um olhar sobre o processo de aquisição da linguagem através do estudo do português como língua de herança**
Cristina M. M. Flores
- 175 **Português, língua de ciência?**
José Teixeira

INTRODUÇÃO

Há um dado curioso em que não é habitual reparar: entre os grandes grupos linguísticos do mundo, o do português é o único em que não há dois países que partilhem uma única fronteira. As nações que pertencem aos maiores grupos linguísticos do mundo, como os do espanhol, francês, árabe, alemão e os do inglês, têm em múltiplos casos, fronteiras partilhadas entre si. Os países falantes da língua portuguesa não são vizinhos entre si. Ficou, assim, verdadeiramente, mais do que todas as outras, a língua portuguesa “pelo mundo em pedaços repartida”^[1], imitando a vida do poeta que dela costuma funcionar como símbolo.

O português encontra-se, pois, hoje num mundo globalizado, num mundo sem as fronteiras físicas e comunicativas que sempre teve até há poucas décadas. Para as línguas, esta nova configuração é simultaneamente promissora e ameaçadora: se muitas têm desaparecido, outras reforçam a sua presença e atratividade global.

A presente obra nasce de um conjunto de iniciativas levadas a cabo por uma unidade cultural da Universidade do Minho, o Centro de Estudos Lusíadas, com a finalidade de refletir sobre a situação do português neste contexto de globalização. Para além das conferências públicas e de um Colóquio efetuado, quisemos reunir um conjunto de textos que refletissem alguns aspetos ligados aos problemas que a língua portuguesa pode enfrentar e as oportunidades que pode aproveitar, como língua que tem um papel que não pode ser menosprezado neste início do século novo.

¹ Camões, poema *Junto de um seco, fero e estéril monte*.

Assim, José Paulo Esperança em “Efeito da Proximidade Linguística no Comércio Internacional: o português no Conjunto das Línguas Globais” parte precisamente da relação entre a proximidade geográfico-linguística e o comércio internacional. Mostra como esta relação que tem vindo a interessar cada vez mais os investigadores que se debruçam sobre o comércio internacional também reflete que as questões linguísticas têm uma ineludível faceta económica. Concretiza o estudo dessas conexões com variados quadros estatísticos que relacionam o PIB, a composição populacional, os intercâmbios económicos entre os vários grupos linguísticos (do alemão, árabe, chinês, espanhol, inglês e OL -outras línguas- comparando com o português) e outros ainda que mostram as trocas comerciais entre os países falantes do português. Pela análise que apresenta, deixa bem evidenciada a importância da proximidade geográfica e do uso de uma língua comum como fatores determinantes nas trocas comerciais.

Umbilicalmente ligado ao valor económico da língua e às suas estratégias de imposição na atualidade está a vertente das tecnologias linguísticas. Se a beleza da literatura garante o passado de uma língua, só o seu uso tecnológico lhe garante a sobrevivência plena no futuro. Por isso, o português tem de ser uma das línguas tecnológicas já do presente. Cada vez será maior a possibilidade de interação humano-máquina ao nível da compreensão e processamento das linguagens naturais e o português tem que ser uma dessas línguas possibilitadoras. E é essa confirmação que Anabela Barreiro em “Contributos para o Aumento de Qualidade na Língua Digital” nos dá quando apresenta algumas ferramentas e recursos linguísticos trabalhados no INESC-ID que procuram aumentar a qualidade do português em aplicações de linguagem natural. Pode parecer uma dimensão muito técnica que a tradição ligada ao estudo das línguas secundarizava. Mas a aplicabilidade de várias das ferramentas apresentadas à melhoria da tradução automática demonstra a enorme importância desta vertente para a imposição do português como língua de primeiro plano na comunicação global.

A este propósito, Diana Santos em “Português internacional: alguns argumentos” analisa o facto de o português não ser ainda uma língua de comunicação internacional, como o inglês e o espanhol ou mesmo como outras que têm menor número de falantes, como o francês. Para a autora, a estratégia de impor o português como língua internacional passa pela necessidade de o considerar pluricêntrico e variado, possibilitador de processos

comunicativos que não imponham normas nacionais mas que possibilitem a diversidade dentro da variedade dos contributos vindos dos vários centros que o constroem. Para a autora, é necessário aceitar um “português internacional” que possa admitir uma pluralidade de registos, desde os fonéticos aos morfo-sintáticos e lexicais. Isto não implica a desregulação caótica, mas antes a construção de bases comuns, como, por exemplo o trabalho de unificação terminológica em língua portuguesa.

Na verdade, o pluricentrismo da língua portuguesa é talvez a particularidade que lhe traz idiosincrasias no panorama dos grandes grupos linguísticos. Poder-se-á dizer que isso também acontece em outros casos, como no espanhol e inglês. Se globalmente isso é verdade, outras dimensões da questão acabam por evidenciar as diferenças.

No caso do inglês, o pluricentrismo é sobretudo, hoje, um duocentrismo nuclear (Estados Unidos e Inglaterra) rodeado de uma miríade de formas de realização das quais a mais usada (importante?) poderá ser uma espécie de “mistura de tudo”: o *globish*, a língua franca que supostamente o inglês global é. Por isso, a questão de “que modelo seguir” não é, na prática, um verdadeiro problema. A imensa força e o nova atratividade do inglês americano e a história e o prestígio do inglês europeu fazem com que estas duas variantes se apresentem como alternativas em que cada uma se não preocupa com a outra porque as duas formam um conjunto que domina a globalidade da comunicação.

No caso do espanhol, o peso e a tradição normativa da Real Academia, aliados ao facto de que Espanha sempre foi maior do que qualquer das suas colónias levam, na prática, a que nesta língua o pluricentrismo apareça bastante secundarizado.

Diferente situação se passa com o português. A imensidão geográfica e populacional do Brasil, quando comparado com a antiga metrópole, e os recentes processos da constituição de países independentes que optaram pelo português como língua oficial levam a que, neste momento histórico, a questão de qual a norma que se deve impor na comunicação internacional não seja uma questão indiferente.

Não admira, por isso, que para muitos investigadores a realidade específica do seu pluricentrismo seja uma faceta importante do português. Augusto Soares da Silva em “O português como língua pluricêntrica: indicadores linguísticos e sociais e novos métodos de investigação” caracteriza o portu-